

Expedições arqueológicas em Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte, Brasil: resultados das prospecções realizadas entre 1996 e 1997

Helder Alexandre Medeiros de Macedo¹

Resumo

Com este artigo expomos os resultados do Projeto de Pesquisa Expedições Arqueológicas, realizado em Carnaúba dos Dantas (RN), bem como das prospecções realizadas, cuja contribuição maior foi o registro de inúmeros sítios arqueológicos até então desconhecidos na região.

Palavras-chave: Carnaúba dos Dantas, Arqueologia, Seridó.

A idéia do projeto

O município de Carnaúba dos Dantas, localizado no Sertão do Seridó, Rio Grande do Norte, vem sendo alvo de pesquisas sistemáticas de instituições de ensino superior desde o início da década de 1980, tendo sido identificado na área um rico conjunto de sítios arqueológicos rupestres, denunciadores da presença indígena em épocas pretéritas (MARTIN, 1982, 1985, 1989; GOLDEMEIER, 1989). Restos de fogueiras associados a enterramentos humanos escavados em um desses sítios (Pedra do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas-RN) pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), datados pelo Carbono-14, forneceram datações que variam de 2.620 a 9400 AP (antes do presente) (MARTIN, 1995/1996; TORRES, 1995/1996; QUEIROZ, CARDOSO, 1995/1996), demonstrando que a ocupação desse espaço por grupos humanos iniciara-se há, pelo menos, dez mil anos atrás.

Partindo do pressuposto de que a população local deveria ter consciência da importância patrimonial desses sítios arqueológicos, através do conhecimento e valorização dos mesmos, montamos o Projeto *Expedições Arqueológicas*. Vinculado à disciplina de História da Escola Estadual João Henrique Dantas, de Carnaúba dos Dantas-RN (Ensino de 1º e 2º Graus), foi coordenado pela Professora Maria da Paz Medeiros Dantas. O intuito do projeto era o de levar os alunos do Ensino Médio a conhecerem os sítios arqueológicos; aliado a isso estava o objetivo de fazer prospecções arqueológicas na região, já que éramos sabedores da existência de vários pontos onde havia inscrições rupestres não conhecidas pelo NEA da UFPE. No decorrer do projeto, alunos do Instituto Municipal João Cândido Filho aliaram-se aos da Escola Estadual João Henrique Dantas. No ano de 1996 a Prefeitura Municipal de Carnaúba dos Dantas, na pessoa do Prefeito Valdenor Euclides de Araújo, firmou parceria com o projeto, fornecendo o transporte para as visitas às unidades rurais e, em alguns casos, cópias de textos e inscrições rupestres copiadas dos painéis. Em 1997 o apoio da Prefeitura Municipal atra-

vés do Prefeito Paulo Medeiros foi negado, com a justificativa de que o transporte fornecido anteriormente (camioneta) teria que ser utilizado para levar água em pipa para a população do município. De forma que as viagens foram realizadas em algumas vezes de bicicleta e outras a pé.

A metodologia empregada

Para atingirmos as metas propostas pelo projeto, inicialmente foram ministrados aos alunos conteúdos informativos sobre os sítios arqueológicos da região, produzidos pela comunidade científica (ÁVILA, 1999; MARTIN, 1982, 1985, 1989, 1991, 1994, 1999, 2000; ALVIM, UCHÔA; SILVA, 1995/1996; QUEIROZ; CARDOSO, 1995/1996; LEITE, 1999; VICTOR, 1999; TORRES; VILARROEL, 1994; VIDAL, 1995/1996). Passamos, em seguida, à realização das viagens de campo, aos sábados, tendo sido realizadas quarenta e cinco expedições, no período de 13 de janeiro de 1996 a 22 de outubro de 1997. No tocante às técnicas metodológicas utilizadas, nos sítios onde ocorriam sinalações rupestres obtivemos a cópia dos grafismos através da técnica do decalque, com caneta retroprojetora, efetuada sobre plástico transparente. Em alguns sítios, fizemos documentação fotográfica, além de preenchermos fichas para registro, com dados relativos ao local. Duas vezes a cada mês, a equipe do projeto reunia-se, nas dependências da Escola Estadual João Henrique Dantas, para que os grafismos copiados em campo pudessem ser reduzidos graficamente, a partir do processo de xerografia, possibilitando, em alguns casos, o aproveitamento do painel em sua totalidade. Aproveitamos, também, material já publicado pela comunidade científica.

A sistemática utilizada na catalogação e registro dos sítios arqueológicos se baseou nos parâmetros utilizados pelo NEA (Núcleo de Estudos Arqueológicos) da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), principalmente no que se refere à classificação dos sítios rupestres pelo conceito de *tradição*. A tradição, segundo a

conceituação de Gabriela Martin (1999, p. 240), “compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes”. Na prática, a tradição se define a partir de características existentes em sítios com semelhanças entre si, relacionados a um ambiente geográfico, que remetem a um ou mais grupos étnicos. A adaptação, em novos ambientes, de grupos pertencentes a uma determinada tradição traz mudanças na organização societária, no modo de vida e na forma de pensar. Essas mudanças se refletem, conseqüentemente, na forma de pintar e de gravar, aparecendo então elementos indicadores do que se convencionou chamar de *subtradição* – divisão dentro da tradição. São conhecidas três tradições ou horizontes culturais de arte rupestre na região Nordeste do Brasil: a Nordeste, a Agreste e a Itaquiara.

A *Tradição Nordeste* foi definida a partir das pesquisas de Niède Guidon, Anne-Marie Pessis e outros pesquisadores em São Raimundo Nonato, no Piauí, estendendo-se até outras regiões, como o Seridó, no Rio Grande do Norte; a Chapada Diamantina, na Bahia; Xingó, em Sergipe; Sertão da Paraíba; Municípios de Afogados de Ingazeira, Buíque e Caruaru, em Pernambuco; e, possivelmente, no Vale do São Francisco, no Ceará e no Mato Grosso. É identificada através de figuras de pequeno tamanho, geralmente indo de cinco a quinze centímetros, dotadas de enfeites, ornatos e atributos, os quais caracterizam a figura humana dentro de um contexto social com grande diversidade de temas (luta, caça, dança e sexo). Os antropomorfos aparecem sempre em posição que sugere movimento e agitação; os que aparecem de perfil parecem estar gritando e suas cabeças lembram uma castanha-de-caju. Os grafismos dessa tradição são de traço leve e foram pintados com instrumentos finos, permitindo uma acurada técnica de delineação do grafismo. Ela representa não somente o cotidiano dos grupos humanos pré-históricos nordestinos, mas também cenas cerimoniais, cujo significa-

do ainda não é totalmente compreendido, podendo ser também representação de mitos. Sua presença repetida nos abrigos rupestres torna-se um indicador da Tradição Nordeste. Chamados de “emblemáticos” por Gabriela Martin (1999, *passim*), na prática essas cenas constituem um logotipo desse horizonte cultural. São considerados grafismos emblemáticos da Tradição Nordeste: duas figuras humanas, ambas de costas, separadas por tridígitos ou pontos; os chamados “grupos familiares”, em que duas figuras humanas protegem uma de tamanho menor, possivelmente uma criança, simbolizando um ato de entrega; as cenas de dança em torno de árvore, com figuras humanas portadoras de ramos nas mãos.

A principal cor utilizada pelos povos dessa tradição é o vermelho, com várias tonalidades, seguido do branco, amarelo, preto, cinza, verde e azul (as duas últimas, no Sudoeste do Piauí), havendo constantemente o uso da policromia.

A cronologia desse horizonte cultural inicia-se em torno dos 12 mil anos AP, para o Piauí; para o Seridó, as datações ficam em torno dos 10 mil anos AP. Originária do Piauí, a Tradição Nordeste dispersou-se para outras regiões, dando origem a subtradições, como a Subtradição Seridó, no Seridó potiguar e paraibano e a Subtradição Central, na Bahia; no próprio Piauí, desenvolveu-se uma Subtradição, chamada de Várzea Grande.

Os novos elementos que aparecem nas pinturas da Subtradição Seridó refletem o contexto geográfico em que se situaram os grupos de caçadores-coletores dessa região em tempos remotos. Nos abrigos sob rocha dessa subtradição, é profusa a presença de pirogas (embarcações toscas), algumas decoradas com motivos geométricos e com antropomorfos dentro. Outros elementos novos são os objetos e ornamentos corporais que caracterizam a figura humana e a representação de plantas, dando idéia de paisagem.

Quanto à *Tradição Agreste*, as suas pinturas rupestres são de técnica gráfica inferior em relação às da Tradição Nordeste, bem como apresentam menor riqueza temática. As características da Tradição Agreste são a grande ocorrência de grafismos puros e

canhestros, de tamanho grande, sem qualquer traço identificador e a quase ausência de cenas; quando estas se formam, apresentam poucos antropomorfos e zoomorfos. Um dos grafismos emblemáticos da Tradição Agreste é um antropomorfo de grande tamanho, geralmente estático, isolado e de forma grotesca, dando um aspecto totêmico à representação humana; outro emblemático é a figura de um pássaro, de longas penas e asas abertas, com tendência ao antropozoomorfismo (homem-pássaro). Marcas de mãos e pés em positivo são bastante comuns, especialmente, na parte superior dos suportes onde foram pintadas, como também linhas, grades, espirais e outros sinais sem relação aparente.

Até o presente momento não se conhece a origem definida da Tradição Agreste; sabemos que está presente no Sudoeste do Piauí, no Seridó, em Pernambuco e na Paraíba. A cronologia para essa tradição é de cerca de cinco mil anos antes do presente (AP) para o Piauí e dois mil anos antes do presente para Pernambuco. A determinação de uma subtradição da Tradição Agreste está em andamento; conhecemos até agora as seguintes subtradições, em fase de análise: Cariris Velhos, em Pernambuco e na Paraíba; Serra do Tapuio e Extrema, no Piauí e Apodi, no Oeste do Rio Grande do Norte.

Enquanto os povos da Tradição Nordeste tinham um contexto geográfico rico, pintando os abrigos sob rocha nas encostas das serras, nos vales das quais corriam rios caudalosos, os povos da Tradição Agreste viviam num ambiente bem mais modesto, ocupando pés-de-serra, várzeas e brejos, sempre próximos a olhos d'água ou caldeirões onde se acumulava a água das chuvas nos períodos de estiagem.

A última das tradições a que nos referimos, a *Itaquatiara*, aparece em blocos ou rochas ao lado dos cursos d'água e às vezes no próprio leito, compreendendo as gravuras sobre rocha. Itaquatiara, em tupi, quer dizer "pedra pintada"; é mais apropriado falarmos de Tradição de ou das Itaquatiaras, tão grande é a sua profusão dentro do território brasileiro. Aparecem comumente grafismos puros e sinais como tridígitos, círculos, linhas e quadrados. É a tra-

dição que mais se tem prestado a interpretações fantásticas e fantasiosas. Conhecemos poucos dados a respeito dos grupos humanos que executaram as gravuras. Exceção é o caso do Letreiro do Sobrado (Petrolândia-PE), de onde saíram datações de 1200 a 6000 anos antes do presente (AP) para fragmentos de rochas gravadas, relacionadas com indústrias líticas e fogueiras.

A maioria das Itaquiarias brasileiras está relacionada ao culto das águas, devido a sua localização em cursos d'água ou caldeirões, onde o líquido precioso fica armazenado durante as épocas de estiagem. Provavelmente também são relacionadas com cultos cosmogônicos das forças naturais e celestes, devido à existência de possíveis representações de astros ou linhas onduladas que imitam o movimento das águas.

Disseminada em todo o Brasil, as Tradições das Itaquiarias têm o seu expoente máximo na Pedra do Ingá, no município de Ingá, próximo a Campina Grande (PB).

Descrevendo o ambiente pesquisado: Carnaúba dos Dantas no contexto do Sertão do Seridó

A região do Seridó faz parte da Bacia Hidrográfica Piranhas-Açu e é constituída pelo Rio Seridó e seus afluentes principais, Carnaúba e Acauã. De formação pré-cambriana, seus dobramentos constituem o nível mais baixo do Planalto da Borborema, em sua parte potiguar, com altitudes entre 360 e 500 metros sobre o nível do mar; o relevo é formado de "cuestas" e serras cortadas pelo Rio Seridó e seus afluentes, com vertentes íngremes e bastante inclinadas. Com clima semi-árido, as precipitações pluviométricas vão de 500 a 700 milímetros anuais, distribuídos nos meses chuvosos (fevereiro a julho). A vegetação é predominantemente a caatinga arbustiva, xerófita, com predominância de variedades de cactáceas e vegetação caducifólia.

O Seridó compreende municípios do Rio Grande do Norte e da Paraíba, constituindo uma área mais fértil e de maiores recursos

hídricos em relação a outros pontos do Nordeste brasileiro. Atualmente, toda a sua extensão territorial sofre um gradativo processo de desertificação, acentuado pelo desmatamento intensivo da vegetação nativa. Geologicamente, o Seridó pode ser considerado uma zona metalogenética rica em minerais, como a scheelita, berilo, colombita, tantalita, ouro, cobre ambrigonita e malacacheta (mica). As principais alternativas para a sobrevivência, na atualidade, são a agricultura de subsistência, a pecuária, o trabalho assalariado nas indústrias de cerâmica vermelha e a exploração de minerais (em pequena escala).

Situado na extremidade sul do Sertão do Seridó, o município de Carnaúba dos Dantas possui área de 246 km² e população estimada em 6.578 habitantes, segundo dados do IBGE (2000). Os primeiros indícios de pesquisa arqueológica no município de Carnaúba dos Dantas remontam à década de 20 do século XX, quando o autodidata José de Azevêdo Dantas (1890-1929) fez incursões no território potiguar e paraibano, registrando os sítios arqueológicos rupestres aí presentes. Os seus estudos arqueológicos foram reunidos em um livro-manuscrito, com o título de *Indícios de uma civilização antiquíssima*, publicado em 1994 pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano e Fundação Casa de José Américo, incentivados pela prof^a Gabriela Martin, coordenadora da Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. O manuscrito original está guardado no Instituto Histórico Paraibano, tendo sido doado após a morte de José de Azevêdo Dantas pelo seu irmão mais velho, Mamede de Azevêdo Dantas.

Em suas incursões pelas serras e riachos do Seridó paraibano e potiguar, José de Azevêdo registrou mais de cinqüenta sítios arqueológicos, num período que vai de 1924 a 1927, aproximadamente; o recorte espacial de sua pesquisa se deu nos municípios de Carnaúba dos Dantas, Acari, Parelhas, Cruzeta, Jardim do Seridó, São Vicente e Santana do Matos (Rio Grande do Norte), Picuí, Pedra Lavrada, Nova Palmeira, Frei Martinho e Campina Grande (Paraíba). Junto às descrições sobre a localização geográfica do sítio, José de Azevêdo Dantas acrescentava a cópia das inscrições, feita a olho nu.

Nas décadas de 60 e 70, pesquisadores do Museu Câmara Cascudo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Serviço de Proteção ao Patrimônio Histórico Nacional registraram a presença de inscrições rupestres em Carnaúba dos Dantas, sobre as quais publicaram trabalhos (SOUZA e MEDEIROS, 1982).

Mas, é só no início dos anos 1980 que se inicia pesquisa arqueológica sistemática e interdisciplinar sobre os sítios arqueológicos carnaubenses, por parte do Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), liderado pela Prof^a Gabriela Martin. Tal pesquisa iniciou através da comprovação da existência de registros rupestres em Carnaúba dos Dantas, colhidos no manuscrito de José de Azevêdo Dantas, por parte da equipe da Universidade Federal de Pernambuco. Esta pesquisa ainda está em andamento, juntando esforços com a Fundação Seridó - entidade de cunho científico-cultural, criada em 1996, para gerenciar, sistematizar e coordenar a pesquisa arqueológica na região do Seridó, tendo sede social em Carnaúba dos Dantas.

O Vale do Rio Carnaúba

Parte das visitas do PEA² recaiu sobre sítios arqueológicos localizados no Vale do Rio Carnaúba, já conhecidos pelo NEA da UFPE ou noticiados pelas populações ribeirinhas. Este, com cerca de 50 km de extensão, constitui o principal curso d'água do município.

Pedra do Alexandre

O Sítio do Alexandre é um conjunto de três abrigos rupestres bastante próximos, a Pedra do Alexandre I, a II e a III, todos à margem direita do Rio Carnaúba. O topônimo está ligado ao fato de a região onde se localizam os abrigos ter sido propriedade, durante o século XIX, de Alexandre José Dantas (ou Alexandre Dantas Correia), proprietário da Fazenda Ermo. A história da pesquisa arqueológica no Sítio do Alexandre começou com o autodidata José de

Azevêdo Dantas que, em 22 de outubro de 1926, copiou as suas pinturas rupestres e registrou o sítio com o nome de “Pedra de Alexandre” ou “Pedra de Alexandre Dantas”. O Sítio do Alexandre começou a ser pesquisado sistematicamente entre o fim da década de 80 e início da de 90, pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco.

Com altitude de 380 m acima do nível do mar, a Pedra do Alexandre I se localiza numa encosta, às margens do Rio Carnaúba, do qual dista cerca de 50 m. O abrigo é de grandes proporções, com uma altura de 15 m na linha d’água, tendo face voltada para o Sul; de arenito, está em acelerada fase de decomposição e é ladeado por inúmeros blocos caídos, evidências do seu maior tamanho em épocas antigas. Apresenta pinturas rupestres pertencentes à grande Tradição Nordeste e Subtradição Seridó, principalmente, nas cores vermelha, amarela, branca e preta (as duas últimas em menor quantidade); há, também, grafismos da Tradição Agreste, ocupando o mesmo espaço, principalmente nos pontos mais altos dos painéis.

As pinturas foram executadas a partir de uma plataforma rochosa, existente no próprio abrigo, a 2 m do solo. A altura dos grafismos varia entre 3 e 7 m de altura, sendo distribuídos descontinuamente em quatro grandes painéis pictóricos, escolhidos em razão de o suporte rochoso ter bastante fissuras, rachaduras e saliências.

Embora as pinturas já estejam desgastadas e erodidas, devido à ação dos agentes naturais (chuva, vento, sol), ainda conseguimos distinguir os elementos identificadores da Tradição Nordeste e Subtradição Seridó, como pirogas (barcos toscos, com ou sem figuras humanas), animais (emas, veados e um zoomorfo assemelhado a um peixe) e antropomorfos do tipo “cabeça-de-castanha-de-caju”. Um destaque é uma piroga com oito indivíduos, sendo que o primeiro deles ostenta um longo cocar. Existem também grafismos bastante elaborados, com tapeçarias e tapetes pintados com motivos geométricos.

O estudo dos pigmentos utilizados nas pinturas rupestres do Sítio do Alexandre foi realizado por Ana Catarina Torres, da Uni-

versidade Federal de Pernambuco. Tal pigmento tinha como substância ativa o óxido de ferro (ou ocre), conhecido popularmente como *tauá* (vocábulo tupi que significa *barro amarelo*, ou simplesmente *barro*), sendo a granulação e composição divergente entre a Tradição Nordeste (na qual o pigmento se apresentava mais elaborado) e a Agreste (com técnica gráfica e de preparo inferior à dos povos Nordeste).

Como o abrigo da Pedra do Alexandre apresentava sedimento factível, nele foi iniciada uma escavação arqueológica, da qual os primeiros resultados saíram em 1996 (MARTIN, 1995/1996). Dessas escavações foram exumados restos de 28 esqueletos humanos, com um pequeno mobiliário fúnebre associado, além de material lítico e restos de ossos de microfauna.

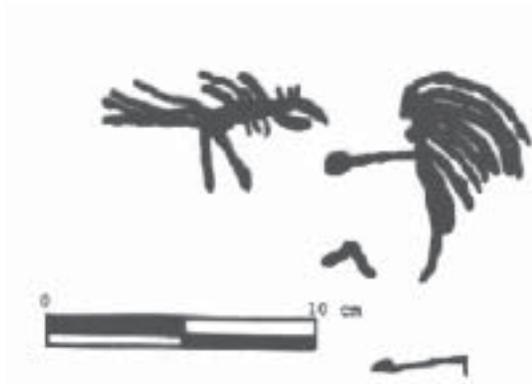
A existência de grande contingente de restos esqueléticos demonstra que o abrigo foi utilizado como cemitério durante longo período. Nele, foram encontrados sepultamentos nos quais eram utilizados dois tipos de rituais funerários, o primário e o secundário. O mobiliário fúnebre encontrado junto aos esqueletos exumados é composto de adornos (pingentes) de osso de cervídeo, apitos de osso de ave e contas de colar, encontrados nos enterramentos de números 1, 2 e 15. Foram encontradas, também, contas de amazonita, as quais não se relacionavam com os enterramentos.

O estudo da Osteobiografia da População Pré-Histórica do Sítio do Alexandre foi coordenado pela antropóloga Marília de Mello e Alvim, já falecida. Em tal estudo, que utilizou dados de 24 esqueletos exumados, constatou-se que, na distribuição por classes de idade, havia cinco lactentes, quatro crianças, três sub-adultos, quatro adultos jovens e um velho. Já a distribuição por sexo, nas classes de idade, apresenta três sub-adultos masculinos, quatro adultos-jovens (três masculinos e um feminino) e um velho (feminino). O índice de mortalidade infantil é de 29,42%, ocorrendo de zero a doze anos de vida, com maior incidência entre zero e dois anos; nos sub-adultos, a mortalidade ocorre entre 18 e 21 anos; nos adultos jovens, de 21 a 35 anos e em mais de 55 anos, para os velhos.

Também chamada de Pedra do Chapéu, a Pedra do Alexandre II forma um pequeno abrigo sob rocha, às margens do Rio Carnaúba, com face ligeiramente voltada para o Sul. O abrigo é de pouca profundidade, apresentando pinturas da Tradição Agreste na cor vermelha, as quais se resumem a grafismos puros. O pouco sedimento presente no abrigo logo atinge a rocha matriz.



*Figura 1: Sítio Pedra do Alexandre II
Tradição Agreste*



*Figura 2: Sítio Pedra do Alexandre III
Tradição Nordeste, Subtradição Seridó*

Por fim, a Pedra do Alexandre III é também um abrigo sob rocha, com face voltada para Sudoeste, encravado no lado leste do

Sítio Pedra do Alexandre II, com bastante blocos caídos ao redor, provenientes de ação erosiva natural. As suas pinturas rupestres foram divididas em dois painéis: um na cor vermelha, pertencente à Tradição Nordeste e Subtradição Seridó; e outro, na cor vermelha, pertencente à Tradição Agreste. A intrusão dos Povos Agreste em sítios antes pintados pelos Povos Nordeste é comum em abrigos situados em Carnaúba dos Dantas.

O painel da Subtradição Seridó, na cor vermelha e um pouco apagado, mostra duas pirogas, restos de uma ave (por trás de uma das pirogas), além de um antropomorfo com longo cocar e um zoomorfo que lembra um tucano, com longos rabo e penas.

O painel formado pelas pinturas da Tradição Agreste é composto de grafismos puros quase imperceptíveis a olho nu, na cor vermelha; são grafismos um pouco maiores do que os pintados pelos Povos Nordeste e isolados uns dos outros.

Numa plataforma rochosa formada abaixo do painel da Tradição Nordeste, existe uma pequena cavidade, em forma de cone, de feição antrópica, que pode ter tido caráter utilitário ou mesmo cerimonial entre os grupos humanos que habitaram o local durante a Pré-História.

O abrigo apresenta sedimento, mas uma sondagem efetuada pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos (NEA) da Universidade Federal de Pernambuco se mostrou infrutífera quanto a materiais arqueológicos, visto que durante as enxurradas o abrigo se enchia d'água, o que acarretou a destruição de possíveis materiais na superfície e subsolo.

Grota do Criminoso

Conhecido como “Grota do Criminoso”, o seu topônimo refere-se a um bandido foragido (protegido pelo Coronel Quincó, dono da propriedade onde se situa o abrigo, no decurso do século XIX) que se refugiou nesse pequeno abrigo sob rocha – fato contado pela tradição oral. A “grota” está localizada no Sítio Volta do Rio, Carnaúba dos Dantas-RN.

É um abrigo de pequenas dimensões, localizado no fundo de um vale, de onde nasce um pequeno riacho que desemboca no Rio

Carnaúba pela margem direita. Com face ordenada para Sul e voltada para o Vale do Rio Carnaúba, o Criminoso apresenta pinturas rupestres da Tradição Nordeste e Subtradição Seridó, representadas por figuras humanas enfileiradas e algumas isoladas, no teto do abrigo, ambas na cor vermelha. Possui uma fina camada de sedimento. Atualmente, fica na propriedade do Sr. Valdenor Euclides de Araújo.

Casa de Pedra

É um abrigo sob rocha, arenítico, de pouca profundidade, localizado à margem esquerda do Rio Carnaúba, com face voltada para Norte. O acesso ao sítio é difícil, tendo-se que galgar um grande penhasco rochoso para alcançá-lo. O abrigo não apresenta sedimento e assenta sua base diretamente na rocha: é um local apropriado para a observação do Vale do Rio Carnaúba. Localiza-se no Sítio Volta do Rio.

Foi registrado por José de Azevêdo Dantas, em 1926, com o nome de "rochedo situado no lugar Volta do Rio". Apresenta grafismos puros e de grande feição, na cor vermelha, pertencentes à Tradição Agreste.

Xique-Xique I e II

Voltado para Sul, o *Xique-Xique I* é um abrigo sob rocha localizado na Serra do Xique-Xique, ao lado da nascente de um pequeno riacho que deságua no Rio Carnaúba pela margem direita. Dista cerca de 6 km da cidade de Carnaúba dos Dantas e está situado a 460 m acima do nível do mar. A altura do abrigo é de cerca de 3 m, no ponto mais alto, e a profundidade é de cerca de 2 m, no ponto mais profundo. O abrigo é fresco e sombrio; em algumas partes, assenta a sua base diretamente na rocha; em outras, possui sedimento que parece ter sido perturbado.

Foi registrado em 1924, por José de Azevêdo Dantas, com o nome de "Talhado das Pinturas" ou "Rochedo Pinturas". Apresenta pinturas rupestres pertencentes à Tradição Nordeste e Subtradição

Seridó, na cor vermelha, em duas tonalidades, uma clara e outra escura. Alguns grafismos dessa subtradição se apresentam cobertos por uma espécie de pátina branca. Em alguns pontos do abrigo, geralmente isolados, aparecem grafismos puros da Tradição Agreste.

Nas paredes do abrigo do Xique-Xique I aparecem cenas de caça, de luta, de dança, de sexo e de lúdico; as figuras humanas são, em geral, desenhadas de perfil, com a típica “cabeça de castanha de caju”; entre os animais, destacam-se a ema e o veado. Alguns dos painéis desse abrigo já foram copiados e publicados pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco.

Situado 390 m acima do nível do mar, o *Xique-Xique II* forma um abrigo sob rocha com face ordenada para Sul, sendo voltado para o Rio Carnaúba. Foi registrado por José de Azevêdo Dantas em 1924, com o nome de “Rochedo do Xiqui-Xiqui”. O acesso ao mesmo, diferentemente do Xique-Xique I, é muito difícil, sendo a vereda de acesso marcada por altos penhascos e despenhadeiros.

Apresenta pinturas rupestres nas cores vermelha e amarela, classificadas como sendo pertencentes à Tradição Nordeste e Subtradição Seridó, representando cenas de dança, caça e sexo, principalmente. Parte de suas pinturas já foi copiada e publicada pelo Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco.

O Vale do Riacho do Bojo / Riacho do Olho d'Água

O Riacho do Olho d'Água corresponde ao principal afluente do Rio Carnaúba. Com dimensões de um rio, passa a ser chamado com essa denominação a partir da localidade Fundões. Riacho acima, em direção contrária ao leito, o mesmo passa a chamar-se Riacho do Bojo.

Uma primeira classificação dos sítios arqueológicos do Vale do Riacho do Bojo / Riacho do Olho d'Água foi feita pelo PEA entre 1996/1997, iniciando-se a contagem dos sítios da Furna das Pinturas, subindo o curso d'água até as suas nascentes. De forma que os sítios cadastrados encontram-se na tabela abaixo:

Tabela 1: Sítios Arqueológicos cadastrados no Riacho do Bojo / Riacho do Olho d'Água pelo PEA

Nome	Curso d'água	Técnica	Tradição
1. Furna das Pinturas	Riacho do Olho d'Água	Pintura	Nordeste
2. Fundões I	Riacho do Olho d'Água	Gravura	Itaquatiara
3. Fundões II	Riacho do Olho d'Água	Gravura	Itaquatiara
4. Fundões III	Riacho do Olho d'Água	Gravura Pintura	Itaquatiara Agreste
5. Grotá Funda	Riacho do Olho d'Água	Gravura ¹	Itaquatiara
6. Talhado das Pinturas	Riacho do Olho d'Água	Pintura	Agreste
7. Lagoa do Caramungu	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
8. Pedra da Macambira	Riacho do Bojo	Pintura Gravura	Agreste Itaquatiara
9. Gruta das Cabras	Riacho do Bojo	Pintura	Nordeste
10. Furna do Cupim	Riacho do Bojo	Pintura	Nordeste Agreste
11. Fundões IV	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
12. Pedra do Cavalo	Riacho do Bojo	Gravura ²	Itaquatiara
13. Pedra dos Furos	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
14. Pedra da Mesa	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
15. Fundões V	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
16. Fundões VI	Riacho do Bojo	Gravura ³	Itaquatiara
17. Fundões VII	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
18. Fundões VIII	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
19. Cachoeira do Chapéu I	Riacho do Bojo	Pintura Gravura	Agreste Itaquatiara
20. Cachoeira do Chapéu II	Riacho do Bojo	Pintura Gravura	Agreste Itaquatiara
21. Cachoeira da Cruz	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
22. Cachoeira do Letreiro I	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
23. Cachoeira do Letreiro II	Riacho do Bojo	Pintura Gravura	Agreste Itaquatiara
24. Cachoeira das Canoas I	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
25. Cachoeira das Canoas II	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
26. Cachoeira das Canoas III	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
27. Cachoeira das Canoas IV	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara
28. Bojo	Riacho do Bojo	Gravura Pintura	Itaquatiara Agreste
29. Cachoeira do Bojo	Riacho do Bojo	Gravura	Itaquatiara

Fonte: MACEDO, H. A. M. de. Expedições Arqueológicas: relatório das prospecções realizadas em Carnaúba dos Dantas (1996-1997).

A classificação proposta pelo NEA da UFPE em uma campanha arqueológica de identificação dos sítios do vale, no entanto, foi feita

descendo o curso d'água no sentido horário do riacho, ao contrário, portanto, da orientação seguida pelo PEA.⁶ De modo que a classificação do NEA (LUNA e NASCIMENTO, 1998) ficou da seguinte forma:

Tabela 2: Sítios Arqueológicos cadastrados no Riacho do Bojo / Riacho do Olho d'Água pelo NEA da UFPE

Nome dado pelo NEA	Antigo nome dado pelo PEA
Furna da Jararaca	Furna das Pinturas
Fundões VIII	Fundões I, II e III
Fundões VII	Grota Funda
Fundões VI	Pedra da Macambira
Furna do Cupim	Furna do Cupim
Fundões V	Pedra do Cavalo
Fundões IV	Pedra dos Furos
Fundões III	Fundões VI
Fundões II	Fundões VII
Fundões I	Fundões VIII
Cachoeira do Chapéu	Cachoeira do Chapéu I e II
Cachoeira da Cruz	Cachoeira da Cruz
Cachoeira do Letreiro	Cachoeira do Letreiro I e II
Cachoeira das Canoas I	Cachoeira das Canoas IV
Cachoeira das Canoas II	Cachoeira das Canoas III, II e I

Fonte: Luna e Nascimento (1998).

A identificação do NEA deixou de cadastrar os sítios Talhado das Pinturas, Gruta das Cabras, Fundões IV, Fundões V, Bojo e Cachoeira do Bojo. Na descrição que faremos abaixo dos sítios arqueológicos, utilizamo-nos dos nomes originalmente aplicados pelo PEA, considerando o princípio da anterioridade, excetuando-se a Furna da Jararaca, para que não haja certa confusão com nomes de outros sítios (chamava-se anteriormente *Furna das Pinturas*).

Furna da Jararaca

Localizada à margem direita do Riacho do Olho d'Água, na meia-encosta da serra, a Furna da Jararaca é um abrigo sob rocha com registros rupestres pertencentes à Tradição Nordeste e Subtradição Seridó. Com face voltada para Sudoeste, foi achado em 31 de agosto de 1996 pelo PEA e suas pinturas rupestres se encontram em razoável estado de conservação, embora algumas estejam apagadas ou desgastadas.



*Figura 3: Sítio Furna da Jararaca
Tradição Nordeste, Subtradição Seridó*



*Figura 4: Sítio Furna da Jararaca
Tradição Nordeste, Subtradição Seridó*

Dividimos o espaço pictural do sítio em quatro painéis, A, B, C e D. O painel A, pintado nas cores vermelha e amarela, mostra uma

cena típica de luta entre dois grupos, com figuras humanas do tipo “cabeça de castanha de caju” segurando bordunas ou propulsores nas mãos; o tamanho dos antropomorfos varia de 4 a 8 cm de comprimento, estando alguns já desgastados. Um desses antropomorfos ostenta um longo cocar, parecendo ser o líder de um dos grupos. O painel B, localizado acima do painel A, mostra um grupo de seis figuras humanas enfileiradas: uma delas, de frente para as outras, conserva na cabeça um cocar, dando a idéia de hierarquia. Cores: vermelha e amarela. Tamanho das figuras: 2 a 4 cm. No teto do abrigo localiza-se o painel C, no qual identificamos dois tipos de composições emblemáticas da Subtradição Seridó: os grupos familiares e as cenas da árvore. Os grupos familiares estão pintados, um em vermelho e outro em amarelo; em ambos notamos a clara diferenciação entre os sexos masculino e feminino. Quanto à cena da árvore, está representada por um grupo de doze antropomorfos (com “cabeça de castanha de caju”) que dançam ao redor de uma estrutura semelhante a uma árvore, com raiz; alguns desses antropomorfos estão apenas contornados. Ocorre, também, a presença de dois antropomorfos com longos cocares. Por fim, o painel D mostra uma cena de caça, onde onze figuras humanas rodeiam um grupo de emas enfileiradas, armadas com bordunas na mão. Um dos antropomorfos é pintado em amarelo e ostenta longo cocar na cabeça, o que o caracteriza como um possível líder do grupo.

Além desses quatro painéis principais, existem, em outros pontos do abrigo, restos de grafismos da Tradição Nordeste e Subtradição Seridó.

A Furna da Jararaca apresenta sedimento, com muitos blocos caídos; é comum, na superfície e arredores do abrigo, a presença de ocre (hematita).

Fundões I

Localizado dentro da formação de “cuesta” conhecida como Grotta Funda, ou Paredão dos Fundões, na margem direita (em senti-

do contrário ao leito do curso d'água⁷) do Riacho do Olho d'Água, apresenta gravuras da Tradição das Itaquatiaras. As referidas gravuras, em número reduzido, são quase da mesma cor do suporte onde foram executadas, entrando em contato com a água durante o período em que o riacho se torna perene. São voltadas para Oeste.

Fundões II

Localizado após o Sítio Fundões I, em dois blocos rochosos desprendidos da cuesta e caídos no meio do riacho. Contém gravuras da Tradição das Itaquatiaras, que ficam de cor diferente da do suporte onde foram gravadas.

Nesse sítio encontramos motivos geométricos típicos de Itaquatiaras, como cruces, círculos puntiformes enfileirados e traços na vertical.

Fundões III

Composto por gravuras e restos de pintura, na margem direita do Riacho do Olho d'Água, dividido em três painéis: A, B e C. O painel A é composto de gravuras da Tradição das Itaquatiaras, bastante desgastadas, executadas em uma plataforma rochosa situada a poucos centímetros da linha d'água; em cima desta plataforma, está o painel B, composto por um único grafismo puro (esfera com espaço em branco no centro), na cor vermelha, pertencente à Tradição Agreste; o painel C, no nível do painel B e a Norte deste, apresenta grafismos puros e restos de grafismos na cor vermelha, da Tradição Agreste. Ambos os painéis são voltados para Oeste. O grafismo do painel B, infelizmente, foi motivo de vandalismo, tendo sofrido raspagem.

Grota Funda

Localizado na base da grande cachoeira chamada de “Grota Funda”, é formado por um grande painel de gravuras pertencentes à Tradição das Itaquiatiaras. O painel se encontra na margem esquerda do curso d’água, com face voltada para Oeste; mede aproximadamente 3,14 m de largura e 1,15 m de comprimento, totalizando uma área de cerca de 3,7 m².

Foi registrado por José de Azevêdo Dantas, em 1927, com o nome de Grota Funda; as gravuras encontram-se em cor diferente da do suporte onde foram executadas, estando algumas um pouco desgastadas e outras, com finas camadas de restos de pigmento vermelho.

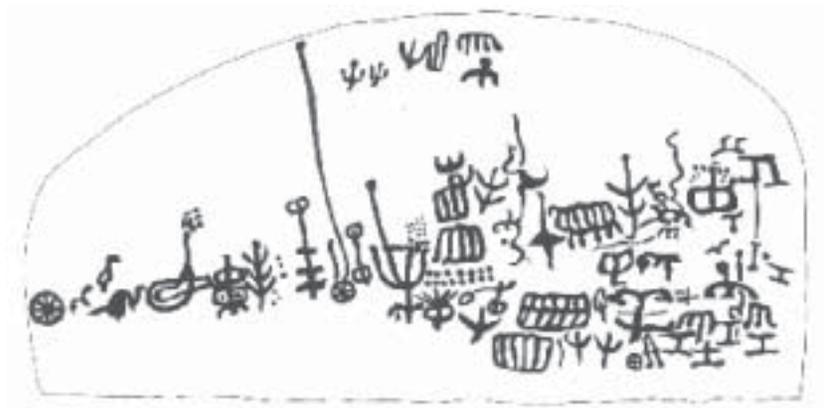


Figura 5: Sítio Grota Funda (Tradição Itaquiatiara)
Fonte: Dantas (1994).

As representações, típicas do horizonte cultural a que são filiadas, são tridígitos, possíveis astros, seqüências de círculos puntiformes, traços verticais e estruturas geométricas que lembram a Itaquiatiara do Ingá, e que se repetem em outros sítios dessa Tradição.

Talhado das Pinturas

Sítio achado em 15 de janeiro de 1997, formando um pequeno abrigo sob rocha no nível superior da cuesta, no teto do qual identificamos grafismos puros (linhas sinuosas) na cor vermelha, que classificamos como Tradição Agreste. Com face voltada para Leste e bastante alto, tem pouca profundidade, assentando sua base diretamente na rocha. O acesso a esse sítio é difícilíssimo, tendo-se que transpor uma trilha de pedra à beira de um alto penhasco.

Lagoa do Caramungu

É um pequeno sítio rupestre, com face voltada para Sul, contendo poucas gravuras da Tradição das Itaquatiaras; estas se encontram ao lado do despejo da cachoeira que origina a lagoa. As gravuras ficam da mesma cor do suporte onde foram executadas.

Gruta das Cabras

Encravada na mesma elevação onde se encontra a Furna do Cupim, a Gruta das Cabras tem sua face voltada para Sudoeste e constitui um pequeno abrigo de difícil acesso; assenta diretamente na rocha e contém pinturas rupestres nas cores vermelha e amarela. Até a presente data, não conseguimos penetrar até o fundo do abrigo, devido à presença de insetos (marimbondos e abelhas); o abrigo é bastante baixo, o que dificulta ainda mais a entrada.

As pinturas até agora identificadas, na entrada do abrigo, são de tamanho diminuto e feição delicada, tendo sido classificadas como Tradição Nordeste e Subtradição Seridó: dois veados (ou onças) pintados em vermelho, sobre um fundo amarelo. O restante do abrigo tem bastantes pinturas na cor vermelha e de tamanho reduzido, possivelmente também pertencentes à Subtradição Seridó.

Furna do Cupim

Encravado na encosta da serra, na margem esquerda do Riacho do Bojo e com face voltada para Leste, a Furna do Cupim é um abrigo com sedimento e alguns blocos caídos, com registros rupestres. As suas pinturas rupestres ocorrem em dois grandes painéis, o primeiro, fora do abrigo, num nicho elevado, na cor vermelha e o segundo, dentro do abrigo, nas cores vermelha, branca e amarelo-alaranjado; as pinturas pertencem às Tradições Agreste e Nordeste (Subtradição Seridó), dispersas de forma esparsa pelos painéis do abrigo.

Em agosto de 1997, o Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco realizou uma sondagem na Furna do Cupim; das três decapagens realizadas na sondagem de 1 m² saíram apenas microlascas de quartzo, uma lasca de sílex, restos pequeníssimos de carvão e dois blocos com possíveis restos de pigmento.

A Norte da Furna do Cupim, na mesma encosta da serra, encontramos um pequeno abrigo, com sedimento, porém sem registros rupestres.

Fundões IV e Fundões V

Achado em 24 de outubro de 1996 por Raoni Maranhão, o Sítio Fundões IV é composto de poucas gravuras, da Tradição das Itaquiarias, com face voltada para Oeste. Localiza-se entre a Pedra da Macambira e a Pedra do Cavalo, na margem direita do Riacho do Bojo.

Achado no mesmo dia por Manuel Souto Maior, o Sítio Fundões V tem face voltada para Norte; apresenta gravuras da Tradição das Itaquiarias. Situa-se entre os Sítios Pedra da Mesa e Fundões VI, na margem esquerda do Riacho do Bojo.

Pedra do Cavalo

Com face voltada para Oeste e na margem direita do Riacho do Bojo, contém gravuras da Tradição Itaquiara, as quais não ficam da mesma cor do suporte rochoso. Antes da confecção de algumas gravuras, o suporte rochoso foi manchado com pigmento vermelho, de forma que existem algumas incisões preenchidas com tinta.

Pedra da Mesa

Na margem esquerda do Riacho do Bojo, é uma saliência coberta por uma pedra, onde, na parte de baixo, foram executadas gravuras da Tradição Itaquiara, destacando-se esferas puntiformes (pontinhos) com profundo sulco de polimento.

Fundões VI

Com face voltada para Norte, é um grande bloco rochoso, onde ocorrem gravuras da Tradição das Itaquiaras, as quais ficam da mesma cor do suporte rochoso. Ao lado das gravuras e dentro dos sulcos de polimento, ocorrem pinturas (grafismos puros) na cor vermelha, pertencentes à Tradição Agreste. O referido sítio fica na margem esquerda do Riacho do Bojo, situado entre os Sítios Fundões V e VII.

Fundões VII

Situado imediatamente depois do Sítio Fundões VI, localiza-se na margem esquerda do Riacho do Bojo, com face voltada para Norte. Contém gravuras da Tradição Itaquiara, que se destacam da cor original do suporte no qual foram gravadas.

Fundões VIII

Com face voltada para Sul, na margem direita do Riacho do Bojo, foi achado em 24 de outubro de 1996, por Cláudia Alves; é um bloco rochoso contendo restos de grafismos na cor vermelha, pertencentes à Tradição Agreste. Situa-se entre os Sítios Fundões VII e Cachoeira do Chapéu (localidade Bráz), contando, também, com gravuras da Tradição das Itaquatiaras.

Cachoeira do Chapéu I

É um abrigo sob rocha, situado no meio do Riacho do Bojo, com pinturas no teto e gravuras na base. Os seus registros rupestres foram divididos em dois painéis: A e B.

O painel A, no teto do abrigo, apresenta pinturas na cor vermelha, bastante apagadas, pertencentes à Tradição Nordeste; alguns grafismos pertencem à Tradição Agreste. Tal painel já foi objeto de vandalismo, com carvão e giz.

O painel B, situado na base do pequeno abrigo, tem face voltada para Oeste e contém gravuras da Tradição Itaquiatiara, que ficam da mesma cor do suporte rochoso.

Cachoeira do Chapéu II

Situa-se no despejo da cachoeira propriamente dita, sendo composto de quatro painéis: A, B, C e D. O painel A se situa ao lado da lagoa formada pela Cachoeira, na margem direita do riacho, com face voltada para Leste; contém gravuras da Tradição Itaquiatiara, ficando da mesma cor da do suporte. O painel B, logo em seguida ao A, tem face voltada para Sul, apresentando poucas gravuras da Tradição das Itaquatiaras, que ficam de cor diferente da do suporte. O painel C, localizado no despejo d'água da Cachoeira, com face voltada para Sul, contém gravuras da Tradição das Itaquatiaras, que não ficam da mes-

ma cor do suporte rochoso; está na margem direita do riacho. O painel D, localizado acima do despejo d'água da Cachoeira, fica na margem direita do riacho. Contém grafismos puros, pintados na cor vermelha em uma concavidade, pertencentes à Tradição Agreste.

Cachoeira da Cruz

É formado por cinco painéis, contendo gravuras da Tradição das Itaquatiaras. O painel A, na margem esquerda do Riacho do Bojo, contém apenas alguns dígitos (tracinhos), enfileirados na vertical, os quais ficam da mesma cor da rocha-suporte em que foram gravados. O painel B, na margem direita do riacho, apresenta "cruzes", esferas puntiformes (pontinhos) e outros elementos típicos da tradição, em cor diferente da do suporte. O painel C, também na margem direita, apresenta muitos elementos geométricos e estruturas que se assemelham às gravuras do Sítio Grotta Funda; são de cor diferenciada da do suporte. O painel D, em frente ao painel C e na margem esquerda do riacho, apresenta poucas gravuras, que ficam da mesma cor da rocha-suporte. O painel E, a Norte do painel C e à margem direita do riacho, contém poucos grafismos da mesma tradição, já quase em contato com as águas da cachoeira, que sempre se conserva com água.

Cachoeira do Letreiro I

Localizado na margem esquerda do Riacho do Bojo, apresenta gravuras da Tradição Itaquatiana, as quais ficam de cor diferente da do suporte rochoso. O sítio foi registrado por Azevêdo Dantas, na década de 1920, como sendo "pouco abaixo da pedra nº 4".

Cachoeira do Letreiro II

Localizado na margem direita do Riacho do Bojo, com face voltada para Leste, formando uma penha ligeiramente inclinada. É composto de dois painéis: A e B.

O painel A - na verdade, o Grande Painel - contém pinturas na cor vermelha, pertencentes à Tradição Agreste, como tridígitos, mãos em positivo, possíveis representações de astros e estruturas geométricas, sobre as quais foram executadas raspagens. Foi registrado por Azevêdo Dantas, na década de 1920, como “Pedra nº 4”.

O painel B contém poucas gravuras da Tradição Itaquatiara, que não ficam da mesma cor da do suporte rochoso.

Cachoeira das Canoas I

Localizado em ambas as margens do Riacho do Bojo, no local conhecido como “Cachoeira das Canoas”. O sítio apresenta muitas gravuras, sendo algumas da mesma cor do suporte rochoso e outras, não. Foi registrado por Azevêdo Dantas, em 1924 e 1927, como “Pedra nº 3”. É frequente a representação de possíveis astros, como estrelas ou sóis.

Cachoeira das Canoas II

Localizado logo depois do Sítio Cachoeira das Canoas I, as suas gravuras não ficam da mesma cor do suporte rochoso, estando os grafismos dispostos nas duas margens do Riacho do Bojo.

Cachoeira das Canoas III

Localizado logo após o Cachoeira das Canoas II, em uma pequena elevação, na margem esquerda do Riacho do Bojo. O suporte parece ter sido, inicialmente, enegrecido (natural ou antropicamente) com uma pátina ferruginosa, sobre a qual foram executadas as gravuras, pertencentes à Tradição Itaquatiara.

Cachoeira das Canoas IV

Apresenta gravuras na margem direita do riacho, que ficam da mesma cor do suporte, e na margem esquerda, onde são visíveis, apesar de ficarem da mesma cor da rocha. Foi registrado por Azevêdo Dantas, em 1924 e 1927, com o nome de "Pedra nº 2".

Bojo

O Sítio Bojo é composto de cerca de cinco painéis, contendo gravuras da Tradição das Itaquiarias, localizados em ambos os lados do Riacho do Bojo. Algumas gravuras ficam da mesma cor do suporte rochoso onde foram executadas e outras, não; em um dos painéis, ao lado das gravuras ocorrem grafismos puros, na cor vermelha (Tradição Agreste). Algumas de suas gravuras foram documentadas por Azevêdo Dantas, na década de 1920.

Cachoeira do Bojo

É um pequeno sítio, contendo gravuras (Tradição das Itaquiarias), que se localizam em ambas as margens do Riacho do Bojo, ficando elas da mesma coloração do suporte rochoso.

Conclusões

Através da pesquisa pudemos evidenciar certos aspectos da vida dos grupos humanos que habitaram o território de Carnaúba dos Dantas durante a Pré-História. Inicialmente, constatamos em Carnaúba dos Dantas a existência de duas grandes regiões, onde os sítios arqueológicos se concentram com mais intensidade: os Vales do Rio Carnaúba e de seu afluente, o Riacho do Bojo / Riacho do Olho d'Água.

Com os dados antropológicos fornecidos pelos registros rupestres, mais os registros arqueológicos e o próprio ambiente onde

se localizam os sítios arqueológicos, pudemos fazer algumas considerações quanto aos grupos indígenas a que nos referimos.

Originários do Sudoeste do Piauí, os grupos humanos da Tradição Nordeste, da qual surgiu a Subtradição Seridó, ocupavam um espaço geográfico bem diferente do atual, que Gabriela Martin (1994, p. 398) classificou de “estruturas abertas”. Tais estruturas eram compostas de abrigos sob rocha, localizados no alto ou na meia encosta das serras, com frente voltada para os cursos d’água, onde os homens subiam para executar as pinturas rupestres. Eram abrigos que não entravam em contato com os rios ou riachos que formavam os vales, mas que estavam sempre orientados para estes; o fato de os abrigos rupestres serem, em geral, um lugar seco e afastado da água explica por que os povos da Subtradição Seridó procuravam esses locais para executar suas pinturas parietais.

Pelo que indicam as pinturas rupestres da Subtradição Seridó, os cursos d’água eram perenes em épocas pretéritas, se considerarmos a profusão de pirogas (embarcações toscas) em diferentes abrigos dessa Subtradição; algumas, inclusive, trazem sobre si figuras humanas. A perenidade dos rios e riachos implica, também, em um ambiente úmido e selvagem, com características que se assemelham à mata atlântica. A variedade de animais pintados nos abrigos é considerável, se notarmos que alguns deles estão extintos ou em processo de extinção na região: veados, onças, capivaras, araras, tucanos e macacos.

Aparentemente, os sítios dessa Subtradição não eram locais de habitação; os dois sítios até a presente data escavados (Sítio do Alexandre, em Carnaúba dos Dantas, e Sítio do Mirador, em Parelhas) foram usados para sepultar os mortos (sítio-cemitério), com datações que vão de 2620-9400 anos (Pedra do Alexandre) a 9410 anos AP, ou seja, antes do presente (Mirador). Essas mesmas datações nos fornecem uma possível cronologia inicial em torno de 10 mil anos AP para a Subtradição Seridó. Os sítios desse sub-horizonte cultural podem ter servido, também, de locais onde eram realizados cerimoniais ligados à vida espiritual dos grupos humanos, que davam às pinturas rupestres um caráter mágico.

Vários dados nos sugerem que a Subtradição Seridó era uma sociedade de caçadores-coletores hierárquica: a presença abundante de cenas de caça nos abrigos pintados (com representações de figuras humanas ostentando cocares e outras portando bordunas ou propulsores), além de cenas em que figuras humanas carregam potes ou cestos; o material lítico procedente do Sítio do Alexandre (composto de lascas de quartzo e sílex, furadores e raspadores de quartzo e um machado polido), associado aos enterramentos humanos, e a presença de pontas de projétil com lascamento bifacial e fino retoque (executadas em calcedônia, sílex, cristal de rocha, quartzo hialino e arenito silicificado), porém, sem nenhum contexto arqueológico que as possa filiar a um horizonte cultural (achados esparsos).

A arte rupestre da Subtradição Seridó fornece-nos importantes dados antropológicos acerca daquela sociedade, sendo os temas mais representados a caça, a dança, a luta e o sexo (este, em menor quantidade). São comuns as cenas hitifálicas, onde antropomorfos copulam e outros se masturbam, aparecendo também cenas de estupro. O traço firme, o emprego de instrumentos finíssimos na elaboração dos grafismos rupestres e o uso de padrões para representar as figuras humanas (a “cabeça de castanha de caju”) denotam a existência de uma sociedade de caráter homogêneo, onde todos os indivíduos partilhavam dos mesmos anseios, usos e costumes.

No tocante aos povos da Tradição Agreste, as informações que temos até o momento não permitem a reconstrução total do seu ambiente e modo de vida. Nos estados de Pernambuco e Paraíba, onde são abundantes os sítios com pinturas dessa tradição, foi identificado o habitat típico desses grupos humanos por Gabriela Martin (1994, p. 299) como sendo “estruturas fechadas”. Tais estruturas eram compostas de um abrigo com pinturas rupestres (com evidências de acampamento ou habitação permanente ou temporária), uma necrópole (cemitério) e uma estrutura hídrica (caldeirões, olhos d’água ou riachos) bem mais modesta que a dos povos Nordeste. As cronologias mais próximas dos dias atuais nos sugerem um clima semelhante ao atual, partilhado pelos povos Agreste, que eram também caçadores.

Em Carnaúba dos Dantas, os sítios estritamente portadores da Tradição Agreste, em número de quatro, localizam-se num ambiente parecido com o vivido pelos Povos Nordeste: o Sítio do Alexandre II está a cerca de 50 m do Rio Carnaúba, na encosta da serra; a Casa de Pedra, cerca de 1 Km a Oeste do Sítio do Alexandre II, localiza-se no cimo de um alto penhasco, onde na base corre o Rio Carnaúba; o Sítio Talhado das Pinturas, também no cimo de um alto penhasco, na base do qual passa o Riacho do Olho d'Água e o Sítio Fundões VIII, à margem esquerda do Riacho do Bojo.

Existem também sítios peculiares, onde a Tradição Agreste aparece ao lado da Subtradição Seridó, indicando serem os Povos Agreste posteriores aos Povos da Subtradição Seridó. As datações da Tradição Agreste são de 5 mil anos (Piauí) e 2 mil anos antes do presente (Pernambuco).

Na área arqueológica do Seridó não foi efetuada nenhuma escavação em sítios estritamente com Tradição Agreste. A presença dos grafismos da Tradição Agreste nos sítios com Subtradição Seridó, em alguns casos formando superposições nítidas num mesmo painel, sugere também um possível contato entre esses dois povos – hipótese que será confirmada ou não com o avanço das pesquisas.

Com relação aos povos que executaram as Itaquatiaras, os dados que temos são escassos. Pelo fato de as gravuras se localizarem sempre às margens ou até nos próprios cursos d'água, torna-se difícil estabelecer cronologias, dada a inexistência de restos de cultura material. Em Pernambuco, no Sítio Letreiro do Sobrado (município de Petrolândia), as datações para esse abrigo com gravuras variam de 1200 a 6000 anos antes do presente.

O pouco que sabemos dos Povos Itaquiara é a sua relação com o culto das águas e possíveis cultos cosmogônicos. A presença de sítios onde existem, no mesmo painel ou em painéis distintos, grafismos das Tradições Itaquiara e Agreste, indica uma possível contemporaneidade entre esses dois horizontes culturais. Esta relação entre as duas tradições nos parece ser um tanto “íntima”, ao passo que existem gravuras preenchidas com grafismos Agreste e

grafismos Agreste com gravações por cima, pelo método da raspagem. É possível, também, que os Povos Agreste não tivessem tido contato com os Povos das Itaquatiaras e que a sobreposição de uma tradição sobre a outra se tivesse dado em diferentes épocas.

A presença dos três principais horizontes culturais de arte rupestre do Nordeste Brasileiro em Carnaúba dos Dantas reforça a hipótese de que o seu território foi povoado por diversas levas de grupos indígenas, em diferentes épocas na Pré-História.

Por outro lado, o registro dos sítios arqueológicos descritos no corpo deste texto nos alerta para a importância patrimonial dos mesmos, necessitando-se urgentemente de uma política ambiental que venha a protegê-los de forma correta e, ao mesmo tempo, estudar a fundo os seus painéis e materiais, para se estabelecer dados concretos acerca dos grupos humanos que habitaram o Seridó na Pré-História. Acreditamos que as ações que realizamos entre 1996 e 1997 foram apenas um começo. Em 1999, junto com as professoras Maria da Paz Medeiros Dantas e Maria de Fátima Lopes de Medeiros, realizamos o Projeto Pedagógico *Arte Rupestre de Carnaúba dos Dantas*, junto aos alunos do Ensino Fundamental (5^a a 8^a séries) da Rede Municipal de Ensino, cujo objetivo era levar o alunado a conhecer o seu patrimônio cultural na forma dos registros pintados e gravados nas rochas. Alguns integrantes do projeto citado hoje são guias de turismo, prestando serviços de cooperação junto à Gerência Municipal de Turismo da Prefeitura de Carnaúba dos Dantas, além do que são integrantes do Grupo de Estudos em Patrimônio e Arqueologia do Seridó – GEPS, ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, cumprindo sua missão de protetores e multiplicadores do patrimônio cultural da região onde moram.

Notas

¹ Bacharel e Licenciado em História pelo Centro de Ensino Superior do Seridó da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Professor do

Departamento de História e Geografia da mesma universidade. Discente do Curso de Especialização em Patrimônio Histórico-Cultural e Turismo e Pesquisador da Base de Pesquisa Semi-Árido: Natureza, História e Sociedade, ambos da UFRN. Coordenador do Grupo de Estudos em Patrimônio e Arqueologia do Seridó (GEPS), ligado à Pró-Reitoria de Extensão Universitária da UFRN. E-mail: helder@seol.com.br.

² A partir de agora estaremos utilizando a sigla PEA para designar “Projeto Expedições Arqueológicas”.

³ Algumas gravuras deste sítio encontram-se preenchidas com restos de pigmento vermelho.

⁴ Algumas gravuras deste sítio encontram-se preenchidas com restos de pigmento vermelho, e outras foram executadas sobre uma camada de tinta vermelha.

⁵ A técnica de execução segue o mesmo padrão do Sítio Pedra do Cavalo, encontrando-se algumas incisões sem preenchimento com tinta vermelha.

⁶ Esta campanha arqueológica teve como guia o Sr. José Martins da Silva (Deca), já falecido, que era amplo conhecedor da região e dos sítios arqueológicos do Vale do Riacho do Bojo / Riacho do Olho d’Água.

⁷ A partir de agora, estaremos utilizando a noção de margem direita ou esquerda do riacho como se estivéssemos subindo o curso d’água, indo em sentido contrário ao leito.

Referências

ALVIM, M. C. de M.; UCHÔA, D. P.; SILVA, S. M. da. Osteobiografia da população pré-histórica do abrigo Pedra do Alexandre, Carnaúba dos Dantas, RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 11, p. 17-42, 1996.

ÁVILA, G. M. Dez mil anos do homem pré-histórico no Rio Grande do Norte. In: CASTRO, N. L. de (Coord.). *Terra potiguar: uma viagem pela beleza e pela cultura do Rio Grande do Norte*. Barcelona: Bustamante Editores; Natal: Grupo Iberdrola; COSERN, 1999, p. 24-39.

DANTAS, J. de A. *Indícios de uma civilização antiquíssima* (apr. de Gabriela Martin). João Pessoa: Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; Fundação Casa de José Américo, 1994 (Biblioteca Paraibana, v. 11).

GOLDMEIER, V. A. Geomorfologia de alguns sítios pré-históricos do Seridó (RN). *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 5, p. 33-38, 1989.

LEITE, M. N. A identidade humana da Subtradição Seridó de pintura rupestre. In: *X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Recife: UFPE, 1999, p. 183.

LUNA, S.; NASCIMENTO, A. Levantamento arqueológico do Riacho do Bojo, Carnaúba dos Dantas-RN, Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 13, 1998.

MACEDO, H. A. M. de (Org.). *Relatório das atividades desenvolvidas pelas "Expedições Arqueológicas" em Carnaúba dos Dantas-RN, no ano de 1996*. Carnaúba dos Dantas: 1997 (mimeografado).

MARTIN, G. Arte rupestre no Seridó (RN): o sítio Mirador do Boqueirão de Parelhas. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 2, p. 81-95, 1985.

_____. Casa Santa: um abrigo com pinturas rupestres do estilo Seridó, no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, n. 5, p. 55-78, 1982.

_____. O cemitério pré-histórico "Pedra do Alexandre", Carnaúba dos Dantas-RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1., n. 11, p. 43-57, 1995-1996.

_____. Indústrias de pontas de projétil no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, n. 5, p. 81-90, 1982.

_____. Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 4, p. 129-131, 1991 (número extraordinário dedicado aos Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira - Recife, 1987).

_____. *Prehistoria del Nordeste de Brasil: estado actual de la investigación*. Valência (Espanha): Archivo de Prehistoria Levantina, 1988.

_____. *Pré-História do Nordeste do Brasil*. 3. ed. rev. atual. Recife: Ed. UFPE, 1999.

_____. Registro rupestre e registro arqueológico do Nordeste do Brasil. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, v. 8., n. 1, p. 291-302, 1994 (número dedicado aos Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

_____. Os rituais funerários na Pré-História do Nordeste. *Clio*, Recife, v. 1, n. 10, p. 29-46, 1994.

_____. A Sub-tradição Seridó de pintura rupestre pré-histórica do Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 5, p. 19-26, 1989.

_____; ASÓN, I. A Tradição Nordeste na arte rupestre do Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, n. 14, p. 99-134, 2000 (Anais da X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira).

QUEIROZ, A. N. de; CARDOSO, G. M. B. Nota prévia sobre a fauna holocênica de vertebrados do Sítio Arqueológico “Pedra do Alexandre”, Carnaúba dos Dantas-RN, Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1., n. 11, p. 137-140, 1995-1996.

SOUZA, M. S. de; MEDEIROS, O. *Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte (1979)*. Natal: PRAEU, 1982 (Col. Textos Acadêmicos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, n. 214).

TORRES, A. C. Estudo dos pigmentos do Sítio Pré-Histórico Pedra do Alexandre - Carnaúba dos Dantas - RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1, n. 11, p. 59-70, 1995-1996.

_____; VILARROEL, H. S. O uso de raios-x na identificação de jazidas minerais: o Sítio “Pedra do Alexandre”, RN. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1, n. 10, p. 21-46, 1994.

VICTOR, P. A. Programa de Educação Patrimonial para a área arqueológica do Seridó. In: *X Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Recife: UFPE, 1999, p. 209.

VIDAL, I. A. Las representaciones hitifalicas en las pinturas rupestres de la tradición Nordeste, sub-tradición Seridó, Rio Grande do Norte, Brasil. *Clio*, Recife, Série Arqueológica, v. 1., n. 11, p. 141-152, 1995-1996.

Abstract

With this article we display the results of the Expedições Arqueológicas Research Project, carried through in Carnaúba dos Dantas-RN, as well as of its prospections, whose major contribution was the register of innumerable archaeological jazidas until then unknown in the region.

Keywords: Carnaúba dos Dantas, Archaeology, Seridó.